

# CRITÉRIOS PARA O ESTUDO DE REELABORAÇÕES DE GÊNEROS EM REDES SOCIAIS<sup>1</sup>

Júlio Araújo

**Prezados: esse texto ainda não foi publicado e me foi enviado pelo amigo, prof. Julio, a meu pedido. Peço que não o citem em seus textos sem antes autorização do autor.**

**Obrigado,**

**Prof. Luiz Fernando**

## **Considerações iniciais**

A expressão “Reelaborações de gêneros em redes sociais” dá título a um projeto de pesquisa (doravante Projeto REGE) em desenvolvimento pelo grupo Hiperged<sup>2</sup>, vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGL), da UFC, em parceria com pesquisadores de outras universidades brasileiras. No recorte apresentado aqui, busco responder às seguintes questões: 1) Qual a natureza dos gêneros mais recorrentes na organização das práticas discursivas das redes sociais Twitter e Facebook? 2) Considerando que são gêneros ainda em estado de emergência, como caracterizá-los quanto aos seus processos de reelaboração? 3) Que metodologias podem dar conta dessa análise? A base teórica do trabalho procede da teoria de gêneros de Bakhtin (2000), da teoria do remix (NAVAS, 2010) e da discussão sobre capital social (BOURDIEU, 1980; RECUERO, 2009; BOHNA *et al.*, 2014), e essas escolhas fundamentam o objetivo de descrever os gêneros que organizam as práticas discursivas nas redes sociais Twitter e Facebook, considerando o *continuum* entre a standardização e a emergência que, segundo os argumentos que desenvolverei aqui, caracteriza o fenômeno de reelaboração criadora de gêneros.

Durante um exercício de etnografia virtual (HINE, 2005) vivenciado entre os meses de agosto de 2011 e maio de 2014, pude chegar a um universo de 240 enunciados

---

<sup>1</sup> Agradeço à Raquel Recuero (PPGL-UCPel) e ao Rafael Costa (ICA-UFC) pelas críticas e ótima interlocução em torno dos originais desse trabalho. Os problemas remanescentes são de minha responsabilidade.

<sup>2</sup> <http://www.hiperged.ufc.br>

publicados na timeline, sendo 120 extraídos do Facebook e 120 do Twitter<sup>3</sup>. Para escolha desses enunciados, considerei como critérios os números de curtição, compartilhamento, comentários e “retuítés”, como indícios de capital social; além disso, também foi considerada a diversidade de enunciados que mostrassem evidências de reelaboração por meio da estandardização e da emergência. A análise desses dados permite a conclusão de que, da dinâmica de valores que rege as interações ambientadas nessas redes sociais emerge a necessidade, por parte dos usuários, de reelaborar estratégias de angariar capital social, atraindo para eles maior audiência e propagação de suas postagens. Para dar conta desse objetivo, os atores sociais mobilizam práticas discursivas materializadas na manipulação de diferentes padrões genéricos. Esse contexto de constante modificação e investimento nas práticas de linguagem confere a esses dois sites um absortivo movimento de efervescência de novos gêneros, através do processo de reelaboração criadora que transita entre a estandardização e a emergência, conforme detalharei mais adiante.

Para dar corpo a essa discussão, começo afirmando que, conceitualmente, não existem gêneros digitais e nem esfera digital. Depois faço uma reflexão sobre como o processo de reelaboração de gêneros emerge das relações entre linguagem e tecnologia, associando esse processo à teoria do *remix* e do capital social. Finalmente, procedo à análise de alguns exemplares para, na sequência, demonstrar as possíveis conclusões desse exercício.

### **Não existem gêneros digitais**

O estudo das práticas discursivas ambientadas no meio digital exige do pesquisador alguns posicionamentos resultantes da observação e reflexão do seu objeto de pesquisa e do cenário no qual esse se constitui. Em função disso, para tratar de gêneros discursivos em ambiente digital, julgo relevante estabelecer pressupostos teóricos nos quais estará pautada a proposta de estudo acerca das reelaborações de gêneros em redes sociais que pretendo desenvolver neste trabalho. **Assim, uma primeira problemática de que me ocupo aqui tem a ver com as expressões *gêneros***

---

<sup>3</sup>A opção por essas duas redes sociais se justifica na medida em que elas estão entre as 10 redes sociais mais acessadas no país, segundo o site **Top10+** <http://top10mais.org/top-10-redes-sociais-mais-acessadas-do-brasil/>

**digitais e esfera digital**, usadas largamente por diversos autores (MARCUSCHI, XAVIER, 2004; 2010), entre os quais, eu mesmo (ARAÚJO, 2003; 2006; 2010).

Defendo que tais expressões não se sustentam como conceitos, sobretudo se a base epistemológica do analista do gênero for bakhtiniana. De acordo com Bakhtin (2000), gêneros e esferas são conceitos que se interpenetram mutuamente na medida em que os primeiros organizam as necessidades enunciativas dos sujeitos que participam de determinada esfera de atividade. Assim, o discurso jornalístico recebe este nome porque é uma prática instanciada por uma esfera de atividade humana cujos gêneros desse discurso são postos em cena para atender às necessidades dos que atuam desse lugar social. O mesmo ocorre com as demais esferas de atividades cuja lista está na mesma medida das complexas organizações discursivas em que se inserem as pessoas<sup>4</sup>, conforme ilustra a figura abaixo:



Fig. 1 – Esferas de atividade

A figura insinua que as esferas de atividade são inúmeras e que elas se interpenetram, gerando misturas de gêneros. Elas não se circunscrevem a uma dimensão geográfica,

<sup>4</sup> A correlação seria mais ou menos assim: para organizar as necessidades enunciativas das pessoas na esfera do discurso jurídico, existem os gêneros jurídicos; na esfera do discurso publicitária, os gêneros publicitários; na esfera do discurso acadêmico, os gêneros acadêmicos e assim por diante.

mas se espraiam culturalmente gerando múltiplas enunciações as quais irão se consubstanciar em um elenco de gêneros. Afinal, como propôs Bakhtin ([1953] 2000, p.290), “cada esfera da comunicação da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, sendo isso que denominamos gêneros do discurso”.

À luz dessa perspectiva, não existem, portanto, esfera digital e gêneros digitais, pois a web não é capaz de fornecer uma instância concreta de gêneros que atendem às demandas de um suposto discurso digital. Assim, afirmar que os chats, os blogs, os fóruns virtuais são gêneros digitais equivale a sustentar o falso pressuposto de que tais gêneros pertencem ou participam de um discurso digital e, portanto, de uma esfera digital. Um exemplo disso pode ser visto por meio da prática dos chats na web os quais podem estar a serviço de diversas esferas discursivas (jornalística, acadêmica, cotidiana etc), suscitando gêneros chat jornalístico, chat educacional, chat aberto etc. Isso posto, defendo **que a web não é uma esfera digital**, como supus em trabalhos anteriores (ARAÚJO, 2003, 2006), mas **um ambiente plural de profundo poder absoritivo que transmuta para si diversas esferas de atividade humana e com elas seus gêneros discursivos**.

**Na perspectiva bakhtiniana que apresento aqui, os gêneros não são digitais, mas discursivos.** Contudo, no contexto da efervescência das práticas de linguagem nos ambientes digitais, é razoável admitir que eles passaram por um processo de conectividade (CARDOSO, 2011), o que é diferente da mera digitalidade dos gêneros. Por digitalidade entendo a simples transferência de ambiente do texto, em pdf, por exemplo para os domínios da web. Por conectividade, entendo as diversas formatações e convergência por que passam as práticas discursivas na web. Isso significa admitir que pode haver uma digitalidade, mas essa só sobrevive graças a um senso de conectividade que dá sentido às práticas discursivas, como vemos em salas de chat, ou nas muitas faces que a conversa cotidiana pode assumir quando ambientada em *softwares* feitos para funcionar em tecnologias digitais móveis, como o *WhatsApp Messenger*, por exemplo. Portanto, do ponto de vista da conectividade e para marcar o ambiente (e não a esfera) digital em que as práticas discursivas contemporâneas se situam, sugiro a expressão **gêneros discursivos digitais**, pois dessa maneira evita-se dar à web o status de uma instância de discurso. Uma problemática então com a qual os analistas de gêneros se deparam é: ao passar para

internet, o gênero permanece o mesmo ou muda? Como denominar esse processo de mudança de tecnologia e/ou ambiente? Como estudá-lo?

### **Da transmutação à reelaboração de gêneros**

Julgo que o primeiro aspecto a ser considerado tem a ver com o fato de que não podemos cair na ingenuidade de imputar à internet a complexidade da comunicação humana simplesmente porque as práticas de linguagem entre as pessoas sempre foram consideradas um objeto muito complexo para os linguistas e demais pesquisadores interessados por essa temática. Contudo, as relações entre linguagem e tecnologia impõem sim desafios conceituais e metodológicos aos que se interessam por estudá-las. Em função disso, por exemplo, as relações entre os gêneros discursivos radiofônicos (*jingle*, vinheta, nota, boletim, *spot* etc) e o rádio têm atraído a atenção de muitos pesquisadores (HERREROS, 2001; HOWARD, 1994; BARBOSA FILHO, 2003; PRATA, 2008). Assim como me posicionei em relação à web, entendo que nem o rádio e nem a TV também não são instâncias de discurso, portanto não os considero como esferas de comunicação humana, já que eles adaptam muitas esferas em suas atividades rotineiras (publicitária, cotidiana, jornalística, pedagógica, jurídica etc). Também entendo que se trata não apenas de tecnologias, mas de verdadeiros ambientes que, conforme propõe Manovich (2000), em função dos princípios das novas mídias<sup>5</sup>, não apenas abrigam os discursos e os seus gêneros, mas provocam neles alterações, que são decorrentes de apropriações sociais da tecnologia pelo indivíduo. De acordo com esse autor, em função dos usos das novas tecnologias, os padrões de interação entre as pessoas são alterados, o que exige que não reduzamos a tecnologia apenas aos seus artefatos técnicos.

Ao propor os princípios das novas mídias, Manovich (2000, p. 27) é cauteloso ao afirmar que tais princípios não apenas caracterizam as novas mídias, mas ajudam a defini-las como tal. A perspectiva defendida pelo autor não é a de que tais princípios sejam vistos como leis, mas como tendências que ajudam a caracterizar as práticas culturais que delas emergem.

Nem todos os objetos das novas mídias obedecem a esses princípios. Eles não devem ser considerados como leis absolutas, mas como tendências

---

<sup>5</sup>De acordo com Manovich (2000), os princípios das novas mídias são: 1) Representação numérica; 2) modularidade; 3) automação; 4) variabilidade; 5) transcodificação.

gerais de uma cultura por trás da computadorização. À medida que a computadorização vai afetando mais e mais profundamente as camadas da cultura, essas tendências irão gradativamente aumentando sua manifestação (MANOVICH, 2000, p. 27)<sup>6</sup>.

Desse modo, se o rádio e a TV impactaram as relações com a linguagem porque absorveram para si as muitas esferas de atividade, o que dizer da internet que, em função da computadorização, sorveu não apenas as instâncias de discurso e seus gêneros, mas também essas tecnologias, gerando o que chamam de web rádio ou web TV (MOGG, 2008)? Esse fato é rico e interessa aos analistas de gêneros porque ele aponta para um consenso: ainda temos muito o que diligenciar sobre o quanto as relações entre linguagem e tecnologia proporcionam e inspiram muitos objetos de estudo no âmbito das ciências linguísticas. Um dos objetos que emergem das relações entre a linguagem e as tecnologias é justamente a coreografia dançada pelos gêneros dos discursos que se reajustam e se reelaboram nos diversos ambientes tecnológicos.

O fenômeno da reelaboração de gêneros já vem sendo estudado no grupo de pesquisa Hiperged há algum tempo, mas sob a rubrica de transmutação (LIMA-NETO, 2009; ARAÚJO, 2010). A ideia original da transmutação de gêneros procede de Bakhtin ([1929] 2000) que, ao refletir sobre os gêneros do discurso, mostrou que gêneros secundários, de feições mais institucionalizadas, nascem de gêneros primários, oriundos de esferas de atividades mais informais ou menos institucionalizadas. **Desde então, muitos autores, inspirados em Bakhtin, passaram a estudar como os gêneros nascem (TODOROV, 1980). Nesse sentido, estudei os *chats* na perspectiva do fenômeno da transmutação, mostrando como as diversas modalidades de bate-papo têm contrapartes fora do ambiente digital online (ARAÚJO, 2003; 2006), constituindo constelações de gêneros (ARAÚJO, 2012)<sup>7</sup>.**

Três anos depois, Zavam (2009), ao estudar a história do editorial na imprensa cearense, propõe subcategorizações para o termo transmutação. A autora propõe as subcategorias **transmutação criadora**, quando um gênero surge de outro, e a

---

<sup>6</sup> Nossa tradução de: “Not every new media object obeys these principles. They should be considered not as absolute laws but rather as general tendencies of a culture undergoing computerization. As computerization affects deeper and deeper layers of culture, these tendencies will increasingly manifest themselves” (MANOVICH, 2000, p. 27).

<sup>7</sup> Os gêneros que compõem uma constelação são ao mesmo tempo semelhantes e distintos entre si. E é nesse paradoxo que consiste a natureza constelar de um grupo de gêneros que podem ser organizados por um propósito comunicativo geral (BHATIA, 1997), por propósitos comunicativos distintos (ARAÚJO, 2006) ou por hierarquias, cadeias, grupos e redes (SWALES, 2004).

**transmutação inovadora**, quando as alterações sofridas por um gênero só o modificam em suas feições internas, sem dar origem a um gênero distinto. Esta última subcategoria aponta para uma “transmutação resultante da possibilidade que todo gênero tem de passar por recriação de si mesmo, com ou sem incorporação de outro” (ZAVAM, 2009, p. 56). Propõe, ainda, subcategorias para a transmutação inovadora, que pode ser de natureza **interna**, “quando as transformações que ocorrem no gênero não se prendem a um outro gênero, da mesma esfera ou não, mas a contingências de seu percurso histórico [...]” (p. 61) ou de natureza **externa**, quando há a inserção de um gênero em outro.

Embora a subcategorização proposta por essa autora não tenha sido resultado da análise que ela empreendeu com o editorial, pesquisadores do Hiperged, engajados no projeto REGE, conseguiram dar alguma ratificação empírica à proposta teórica quando a aplicaram aos gêneros discursivos ambientados na web. Nesse sentido, tanto Lima-Neto (2009) quanto Costa (2010) e Costa, S. (2012), ao fazerem uso da subcategorização de Zavam (2009), conseguiram operar com a noção teórica da transmutação em três redes sociais: o Orkut, o YouTube e o Twitter.

Lima-Neto estudou padrões de gêneros que constituem o *scrap* do Orkut e percebeu, ao analisar os dados, que “todos [os textos] passaram pelo processo de transmutação inovadora interna, ou seja, eles já existiam em outros ambientes, como o impresso e, ao chegarem à web, adquiriram características desta e evoluíram em aspectos multimodais, principalmente, mas essas alterações em sua constituição não foram suficientes para que sofressem mudanças tão profundas a ponto de serem tratados como outros gêneros” (LIMA-NETO, 2009, p. 144-145)<sup>8</sup>.

Costa (2010) investigou como alguns gêneros televisivos chegam à internet, passando a figurar em outra rede social: o Youtube. A análise do autor mostra que, nesse percurso, os gêneros mudam de suporte e passam por transformações em seus atributos multimodais. Para ele, esse fenômeno sócio-discursivo resulta em reelaborações criadoras de gêneros (já que dão origem a gêneros diferentes) ou reelaborações inovadoras (pois modificam atributos de um gênero sem transformá-lo em outro).

---

<sup>8</sup> Araújo e Vasconcelos (2011) ratificaram essa conclusão de Lima-Neto (2009).

O trabalho de Costa foi muito importante para o projeto REGE por duas razões: a sua adesão à mudança lexical do termo pelo qual designamos o fenômeno de mudanças sofridas pelos gêneros e o aperfeiçoamento da proposta de Zavam. Costa prefere o uso do termo **reelaboração**<sup>9</sup> em detrimento ao termo **transmutação** porque, conforme ele explica, o segundo termo, usado na tradução brasileira de Bakhtin ([1953] 2000) e retomado/explicado por Araújo (2006), remete à Física Nuclear e à Biologia e, por isso, gera uma ambiguidade no sentido de tirar o protagonismo humano nas práticas de linguagem. Assim,

a ideia de **reelaboração** minimiza, ou mesmo elimina, a ambiguidade contida na ideia de transmutação, trazendo os sujeitos de linguagem para o seu lugar devido, o de protagonistas dos acordos capazes de modificar as práticas de linguagem. A palavra reelaboração, em sua etimologia, ressalta a ideia de produção por meio de trabalho, oriundo do latim *elaborare*. Reelaborar, dessa forma, deixa mais claros os **esforços realizados por pessoas** para renovar ativamente alguma coisa. No caso em questão, os gêneros discursivos estão sujeitos às constantes readequações e ao aparecimento de novas necessidades de comunicação em razão de novas práticas sociais, imperativos econômicos ou avanços tecnológicos. É exatamente a esse tipo de relação causal que referimos quando pensamos nos objetos de estudo desta pesquisa, os gêneros televisuais que migram para uma plataforma interativa de comunicação (COSTA, 2010, p. 64. Grifos do autor).

Outra contribuição de Costa (2010) tem a ver com o refinamento que faz da subcategorização proposta por Zavam (2009) para a noção de transmutação criadora, conforme ilustra a figura 2, abaixo.

---

<sup>9</sup> O uso desse termo por Costa é tributário da tradução direta do russo que Paulo Bezerra fez da *Estética da Criação Verbal*, de Bakhtin, edição usada neste trabalho.

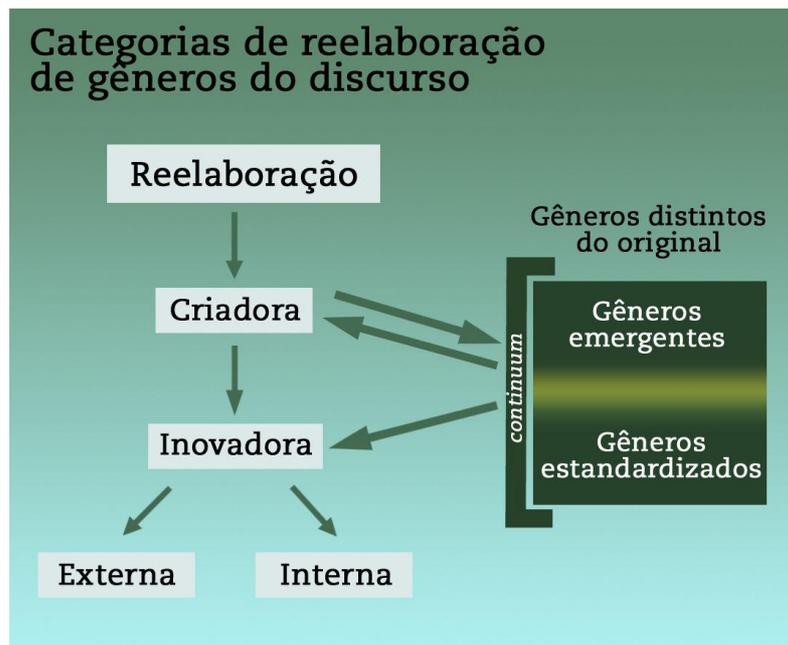


Fig. 2 – Categorias de reelaboração de gêneros do discurso de Costa (2010)

Ao analisar o fenômeno da reelaboração criadora no corpus de vídeos do YouTube, o autor percebe que a proposta de Zavam não contemplava a questão de alguns gêneros serem distintos do original e que essa realidade poderia ser melhor estudada se “os gêneros [pudessem] ser **classificados num *continuum* entre gêneros emergentes e gêneros estandardizados**” (COSTA, 2010, p. 73 [negritos do autor]). Esse *continuum* traz, portanto, um aspecto novo e produtivo para análise de gêneros em redes sociais na internet na medida em que “as reelaborações criadoras se mostram um processo mais complexo, posto que origina gêneros mais inclinados à emergência (com maior grau de ineditismo ou novidade) ou à estandardização (mais próximos de gêneros já existentes)” (COSTA; ARAÚJO, 2011, p. 3634)

Outra pesquisa do Projeto REGE foi a desenvolvida por Costa, S. (2012) que, ao investigar os processos de reelaboração de gêneros convocados pelos usuários na construção de postagens do Twitter, identifica a dinâmica de valores dessa rede social como um elemento fundamental, que influencia diretamente essas reelaborações. Valores como afinidade e potencial de propagação atuam na constituição das postagens, fazendo com que os atores inovem, sem, contudo, ultrapassarem o limite do familiar, construindo *tweets* que remetem a gêneros estandardizados sem sê-los. A propagação desses *tweets* reelaborados confere, através das repetições e apropriações, relativa estabilidade aos arranjos genéricos criados nessa rede social.

No que diz respeito à manipulação dos gêneros utilizados nas postagens, Costa, S. (2012) identificou duas nuances: **migração** e **intervenção**, relacionadas, respectivamente, à reelaboração de gêneros inovadora interna e à reelaboração de gêneros inovadora externa. A primeira é responsável pela atualização do gênero no interior da rede social sem, contudo, mobilizar outros gêneros nesse processo, enquanto a segunda engloba a modificação de um dado gênero a partir da mesclagem deste com outros gêneros.

Comum aos dois processos, a geração de afinidades revelou-se como um propósito comunicativo assumido pelos produtores dos gêneros praticados nesse contexto, sejam eles resultantes de migração ou de intervenção. O protagonismo dos usuários da rede emerge então como um elemento fundamental em sua dinâmica de funcionamento, mobilizando estratégias textuais e atualizando as práticas linguísticas no interior desse ambiente, em função de seus objetivos.

Assim, baseado nos exercícios de análise dos dados do projeto REGE, proponho que os gêneros que organizam as práticas discursivas no Facebook e no Twitter apontam para um absortivo movimento de reelaboração criadora que transita em um continuum entre a estandardização e a emergência cujo protagonismo do sujeito pode ser compreendido entre graus de maior ou menor intervenção. Desse modo, o processo de reelaboração de gêneros em redes sociais pode ser ilustrado como na figura abaixo.



Fig. 3 – Processo de reelaboração de gêneros em redes sociais

Nessa figura, elementos de categorizações distintas passam a figurar em um mesmo arranjo conceitual, pois reúno as propostas elaboradas em primeiro lugar por Costa (2010), que usou estandardização e emergência em um contexto de reelaboração criadora e a perspectiva de Costa, S. (2012), que usou migração e intervenção em um

contexto de reelaboração inovadora. Entendo que a fusão de ambos lança luzes para o estudo do processo de reelaboração de gêneros em redes sociais na internet.

Conforme proponho aqui, esse processo de reelaboração criadora e inovadora de gêneros discursivos nas rede sociais está associado à relativa liberdade de criação proporcionada por esses espaços virtuais que permitem aos usuários experimentarem diferentes técnicas de produção de textos híbridos que acontecem por meio das atividades de recortar/copiar e colar, próprias das tecnologias digitais. Esse processo é mutante e criativo, como a própria língua e, em função disso, as pessoas não param de inventar uma moda nova, o que é decorrente da “vida” social que existe nesses ambientes. Navas (2010) designa essas práticas de *remix* e *mashup* e diz que elas estão na base daquilo que ele define como *cultura remix*. Assim, podemos dizer que as redes sociais produzem e consomem *cultura remix* e, por meio dela, os sujeitos reelaboram diferentes tipos de mesclas de gêneros para organizar as práticas discursivas entre as pessoas.

De acordo com Navas (2010), o *remix* se caracteriza por sua vinculação a uma fonte primeira que passa a ser retomada pelo sujeito de diferentes formas, gerando releituras criativas dessa matriz que inspira novas construções de sentido. Quando ocorrem combinações e colagens de elementos que retomam diferentes matrizes, já estamos diante de *mashups*, pois são remixes de natureza híbrida ainda mais acentuada. Assim, a considerável liberdade criadora proporcionada pelos sites de redes sociais permite que os usuários experimentem diferentes formas de interação, indo, por vezes, muito além daquelas oferecidas pelos sistemas<sup>10</sup>. Neste contexto desafiador, a manipulação de gêneros se faz presente e seu exercício pode levar à produção de possíveis novos gêneros a partir da reelaboração criadora. Os graus de maior e de menor intervenção nas práticas *remix* e *mashup* parecem estar associados ao capital social.

## **Capital social**

---

<sup>10</sup>Considerando as redes sociais como sistemas adaptativos complexos, podemos dizer que quanto menos intervenção do usuário, mais práticas estandardizadas, e quanto mais intervenção, mais perturbação no sistema, gerando práticas discursivas mais emergentes, o que aponta para possibilidades de reelaborações criadoras de gêneros emergentes para atender às perturbações no sistema. Neste livro, ver o capítulo de Vera Menezes, que discute o Facebook na perspectiva dos sistemas adaptativos complexos.

As ações dos indivíduos protagonizadas nas redes sociais são executadas a partir de uma imagem de si, construída por meio dos recursos e espaços disponibilizados por esses sites. Antes de atingir relevância em um determinado grupo, o indivíduo precisa construir-se de maneira atraente, a ponto de conquistar a confiança e o interesse dos outros ocupantes daquele espaço. A noção de capital social concebida, originalmente, como o valor simbólico que permeia as interações dentro de um grupo social (BOURDIEU, 1980), pode ser associada à dinâmica que rege a construção do *self* e à ação dos usuários e seus grupos, dentro de uma rede social (RECUERO, 2009; BOHNA, et al., 2014).

A presença de capital social em um site de redes sociais pode significar uma rede coesa, da qual os usuários extraem e disponibilizam para o grupo benefícios coletivos e individuais. Bertolini e Bravo (2004), ao debruçarem-se sobre esse conceito, elencam cinco tipos de capital social: relacional, normativo, cognitivo, confiança no ambiente social e institucional, sendo os três primeiros tipos usufruídos individualmente pelos atores de uma determinada rede, enquanto os últimos seriam desfrutados por todos, coletivamente.

É no capital social cognitivo que situamos as ações de remix e *mashup* que os usuários executam através da linguagem, bem como as experiências inovadoras que protagonizam por meio dela, uma vez que, nesta variação do conceito de Bourdieu, a soma do conhecimento e das informações é partilhada entre os que compõem aquele grupo. Ao originarem e difundirem práticas híbridas de linguagem, os usuários se valem do seu capital social cognitivo, diversificando e, por vezes, complexificando a forma de comunicação naquele entorno.

A manipulação de diferentes padrões genéricos executada pelos adeptos às redes sociais, que culmina em um processo global de reelaboração de gêneros, pode ser reconhecida como uma aplicação retroativa do capital social cognitivo, uma vez que o usuário cria uma nova forma de dizer algo, contribuindo com conhecimento para a rede e, em contrapartida, é alimentado por ela, ao ver suas postagens adquirirem audiência e longevidade ao serem repassadas, o que confere àquele que as criou maior relevância e reconhecimento como ponto difusor de novas práticas, lugar almejado por muitos. A observação sistemática dos pesquisadores do Projeto REGE dessas redes sociais permitiu-nos concluir que o desejo de obtenção de centralidade na rede é

o que motiva toda a mobilização em torno da sofisticação das práticas de linguagem nas redes sociais, sobretudo, a reelaboração de gêneros.

### Entre a estandardização e a emergência: graus de intervenção nas reelaborações de gêneros

Embora as práticas de linguagem com menor grau de intervenção não gerem novos gêneros como subprodutos, sua presença no continuum é relevante porque mesmo as intervenções em menor grau também são reelaborações. Assim, em tentativas que vão do menor para o maior esforço, os atores sociais manipulam gêneros no intuito de conseguir acúmulo de capital social.

A ocorrência de reelaborações criadoras tanto emergentes quanto estandardizadas observadas no Twitter revela-nos que, apesar da aparente limitação imposta pelo número de 140 caracteres suportados pelas postagens, os usuários seguem encontrando formas de se destacarem dentro dessa rede social, mobilizando, para tanto, diferentes padrões genéricos, que culminam em níveis distintos de intervenção nos padrões de gêneros. No exemplo abaixo, há a predominância da reelaboração criadora com inclinação estandardizada, isto é, com pouca intervenção do sujeito, conforme mostro na figura abaixo.



Fig. 4 – Reelaboração de gêneros com tendência à estandardização no Twitter

A figura acima, retirado da conta pública **@prostitwittess** representa, na verdade, um genuíno exemplar do gênero anúncio de acompanhante. Essa prática discursiva é muito comum em jornais impressos e agora vive um processo de reelaboração em redes sociais. O exemplar acima mostra que a intervenção do sujeito é mínima, posto que é possível ver a presença de uma *hashtag*, marca que caracteriza as práticas de escrita no Twitter.

Além disso, chama a atenção o reforço do propósito comunicativo do gênero na imagem do *background* do perfil de **@prostitwittess** que traz uma nítida montagem de vários anúncios de acompanhantes. Como bem explica Costa, S. (2012, p. 59) “a migração de gêneros empreendida pelos usuários do Twitter configura-se como uma forma econômica de reproduzir, nessa rede social, enunciados relativamente estáveis prioritariamente praticados em [outros suportes].” Além disso, o cuidado primoroso com o *background* do referido perfil revela um investimento discursivo no capital social que o(a) autor(a) da página do **@prostitwittess** deseja imprimir na divulgação dos anúncios em sua conta no Twitter<sup>11</sup>.

No que diz respeito à reelaboração criadora de inclinação emergente, a interação entre as pessoas no Twitter também se mostrou propício a esse tipo de processo, conforme ilustro por meio da figura subsequente.



<sup>11</sup> Na página principal desse perfil, podemos ler o seguinte: “Os melhores anúncios, só aqui! Mande seus anúncios para [prostitwittess@gmail.com](mailto:prostitwittess@gmail.com) que divulgaremos GRATUITAMENTE!” cf. em <https://twitter.com/prostitwittess>

Fig. 5 – Reelaboração de gêneros com tendência à emergência no Twitter

Nesse exemplar de *tweet*, é possível flagrar uma mistura de elementos advindos de fontes distintos (letra de música, discurso acadêmico, alusão ao uso de *PowerPoint*), o que dá origem a um *mashup* que traduz um arranjo genérico inédito cuja técnica de construção sinaliza para o propósito de provocar o riso e de capturar capital social na rede.

No Facebook, as possibilidades criadoras são ainda maiores, uma vez que esta rede social, ao contrário do Twitter, possibilita a mobilização de diferentes modos semióticos na constituição das postagens, que vão desde a escrita, passando por imagens, áudio e vídeos. Contudo, é relevante destacar que a multiplicidade de modos semióticos só é garantia de maiores possibilidades criadores caso os utentes possuam letramentos compatíveis com as diversas linguagens utilizadas (edição de vídeo, áudio, elaboração de formas gráficas...). No contexto do corpus analisado, a ocorrência de reelaborações criadoras é predominante e seus produtos são largamente diversificados, conforme ilustra a figura 6 a seguir.



Fig. 5 – Reelaboração de gêneros com tendência à emergência no Facebook

Como ampliar o capital social na rede dos que são adeptos ao discurso sobre a proteção dos animais? Os exemplares de nosso banco de dados mostram que há um investimento discursivo, cuidadosamente, elaborado por meio dos recursos advindos do *mashup* e dos remixes. Como a fonte original do discurso que está na base da

composição da figura 5, acima, não é apenas uma, pois é possível vermos a mescla entre traços de rótulo da caixa de medicamentos, da bula de remédio e panfleto de adoção de animais de estimação, estamos diante de um *mashup*, pois o que vemos aqui são remixes cuja caracterização se dá pela combinação de elementos de mais de uma fonte original.

Quando a intervenção dos atores assume graus mais acentuados, os remixes parecem borrar as fronteiras dos gêneros preexistentes e a técnica das misturas das linguagens tende a gerar um movimento de reelaboração criadora de inclinação mais emergente, gerando grande capital social na rede. Assim, tomando por base o *continuum* que sistematiza a análise, podemos situar a prática aqui descrita como uma reelaboração criadora de inclinação emergente, por ela realizar um *mashup* rico em remixes remetendo a gêneros já conhecidos, dando origem a um padrão híbrido, por eles inspirados. Certamente, esses investimentos discursivos podem impactar os adeptos à causa dos animais, que passam a seguir fanpages que desenvolvem esse tema, engendrando expressivas ocorrências das ações de curtir, comentar e compartilhar.

### **Considerações finais**

As redes sociais digitais são um lugar propício para celebração da cultura do remix, onde as misturas são experimentadas e replicadas em diferentes níveis e padrões, muitas vezes de maneira viral. O potencial da viralização de *mashups* e remixes promove um rico processo de reelaboração de gêneros, pois há uma interpenetração de discursos e de esferas de atividades distintas.

A análise das práticas discursivas executadas tanto no Twitter quanto no Facebook revelou um esmerado processo de manipulação de padrões genéricos, protagonizado pelos usuários. Dessa manipulação, advém um absortivo movimento de reelaboração criadora, de inclinações, ora standardizadas, ora emergentes. Convém observar ainda que, por estarem ambientadas em redes sociais, essas práticas discursivas colocam-se também a serviço do capital social, valor que rege as interações nesse meio. Acreditamos que a sofisticação dessas práticas é resultado do esforço dos usuários no intuito de destacarem-se na rede e, dessa forma, angariarem capital social.

Se, por um lado, no contexto do estudos dos gêneros discursivos, digo que a web não é uma instância de discurso digital que engendre os supostos gêneros digitais, por outro lado, à luz do que lemos em Manovich (2000), reconheço que ela funciona como uma espécie de repartição que especifica e singulariza discursos de uma dada esfera de atividade, a ponto de pensarmos em práticas sociais que lhe são próprias.

Um exemplo disso é a *Selfie* que, embora esteja fundamentalmente a serviço de uma esfera de atividade da ordem do cotidiano, do “privado” ou “confessional”, só ganha sentido em uma ambiência digital em que ela pode ser disseminada de forma instantânea e ubíqua. Não há *Selfie* sem essa ambiência, porque ela pressupõe um regime espaço-temporal específico.

Nesse sentido, nem a web pode ser considerada uma esfera de atividade e nem tampouco deve ser reduzida apenas uma tecnologia, como se o digital ficasse esperando pelos produtos das diversas esferas de comunicação para “absorvê-los”. Estamos entrando na época em que a web, através dos famosos motores de busca, aproxima-se bastante da inteligência artificial, inaugurando o tempo da web 3.0, ou web semântica, cujo destaque está no tratamento das informações espalhadas pela grande rede (SHADBOLT *et al.*, 2006). O que virá por aí, em termos de gêneros discursivos, ainda não sabemos, mas o estudo da linguagem e suas relações com a tecnologia anda longe de ser uma mera contemplação de um pássaro triste engaiolado, mas é uma navegação constante em águas que não cessam de (trans/per/re)correr os oceanos incertos da (des/re)construção de sentido.

## Referências

ARAÚJO, J.; VASCONCELOS, L. L. Web 2.0 e as práticas de linguagem: novos gêneros? *Texto livre. Linguagem e Tecnologia*. vol, 4, n. 2, p. 1-13, 2011.

ARAÚJO, J.C. *Chat na web: um estudo de gênero hipertextual*. Dissertação (Mestrado em Linguística). Fortaleza: PPGL-UFC, 2003.

ARAÚJO, J.C. *Os chats: uma constelação de gêneros na Internet*. Tese (Doutorado em Linguística). Fortaleza: PPGL-UFC, 2006.

ARAÚJO, J.C. Transmutação de gêneros na web: a emergência do chat. In: MARCUSCHI, L. A.; XAVIER, A. C. (Org). *Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção de sentido*. 3. ed. São Paulo: Cortez Editora, 2010 p. 109-134.

BAKHTIN, M. M. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. In: *Estética da criação verbal*, São Paulo:

- Martins Fontes, [1979] 2006, pp. 278-326.
- BARBOSA FILHO, A. *Gêneros radiofônicos – os formatos e os programas em áudio*. São Paulo: Edições Paulinas, 2003.
- BERTOLINI, S.; BRAVO, G. *Social Capital, a Multidimensional Concept*. Disponível em <<http://citeseerx.ist.psu.edu/viewdoc/download?doi=10.1.1.197.1952&rep=rep1&type=pdf>> Acesso em 29 fev. 2012.
- BHATIA, V. K. Genre analysis today. *Revue Belge de Philologie et d'Histoire*, v. 75, n. 3, p. 629-652, 1997.
- BOHNA, A. et al. Making friends and communicating on Facebook: implications for the access to social capital. *Social Networks*. n. 37, p. 29–41, 2014.
- BOURDIEU, P. Le Capital Social. In: *Actes de la recherché en sciences sociales*. Vol. 31, jan. 1980. p. 2-3.
- CARDOSO, G. Da comunicação em massa à comunicação em rede: modelos comunicacionais e a sociedade de informação. *Lições do Portal*. 2011, p. 1-12.
- COSTA, S. M. *Tweet: reelaborações de gêneros em 140 caracteres*. Dissertação (Mestrado em Linguística). Fortaleza: PPGL-UFC, 2012.
- COSTA, R. R.; ARAÚJO, J. C. A reelaboração do gênero telenovela na migração entre suportes audiovisuais. *Anais do VII Congresso Internacional da Abralín*. Curitiba, p. 3630- 3644, 2011.
- COSTA, S. M. *A TV na web: percursos da reelaboração de gêneros audiovisuais na era da transmídia*. Dissertação (Mestrado em Linguística). Fortaleza: PPGL-UFC, 2010.
- HERREROS, Mariano Cebrián, *La Radio en la Convergencia Multimedia*, Barcelona, Ed. Gedisa, 2001
- HINE, C. *Virtual Methods: Issues in social research on the Internet*. Oxford: Oxford University Press, 2005
- HOWARD, Herbert H. *Radio, TV, and Cable Programming*. Tennessee: Iwo State University press, 1994.
- LIMA-NETO, V. *Mesclas de gêneros no Orkut: o caso do scrap*. Dissertação (Mestrado em Linguística). Fortaleza: PPGL-UFC, 2009.
- MANOVICH, Lev. *The language of new media*. London: The MIT Press, 2000.
- MARCUSCHI, L. A.; XAVIER, A. C. (Org). *Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção de sentido*. 3. ed. São Paulo: Cortez Editora, 2010, p. 15-80.
- MOGG, A. et al. WebTV insights and perspectives – A web 2.0 phenomenon is coining new TV usage patterns. *Roland Berger Strategy Consultants*, July 2008, p. 1-16.
- NAVAS, E. Regressive and Reflexive Mashups in Sampling Culture. In: SONVILLA-WEISS, S. (Ed.). *Mashup Cultures*. Wien; New York: Springer, 2010. p. 157-177.
- PRATA, N. Webradio: novos gêneros, novas formas de interação. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação

XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Natal, RN – 2 a 6 de setembro de 2008.

RECUERO, R. *Redes sociais na Internet*. Porto Alegre, Sulina, 2009.

SHADBOLT *et al.* The semantic web revisited. *Ieee Intelligent Systems*, p. 96-101, 2006.

SWALES, J. M. *Research Genres: explorations and Applications*. New York: Cambridge University Press, 2004.

TODOROV, T. *Os gêneros do discurso*. São Paulo: Martins Fontes, 1980.

ZAVAM, A. S. *Por uma abordagem diacrônica dos gêneros do discurso à luz da concepção de tradição discursiva: um estudo com editoriais de jornais*. Tese (Doutorado em Linguística). Fortaleza: PPGL-UFC, 2009.